

DF - Artes

A MARCA DA ARTE

O trabalho dos artistas plásticos brasilienses prova que a cidade, criada sob o signo da arte, não pode ser reduzida ao circuito das falcatruas de políticos

SEVERINO FRANCISCO

Brasília nasceu sob o signo da arte. A cidade foi criada para ser um centro de convergência nacional, estabelecer padrões de excelência, incorporar as cabeças mais antenadas, estimular o espírito da experimentação, nivelar o país pelo alto. Não é por acaso que a cultura tenha sido o principal alvo da ditadura militar implantada a partir de 1964. Nem por isto a cidade pode ser reduzida ao circuito de falcatruas armado na Praça dos Três Poderes e na Esplanada dos Ministérios. No campo das artes plásticas, pelo menos duas gerações sobreviveram a todos os desastres políticos e institucionais da história da cidade, constituindo obras de relevância, que mereceram reconhecimento nacional e até mesmo internacional.

O carioca Athos Bulcão, 75 anos, é um dos que tem a marca de sua arte impressa em Brasília. A obra de Athos se projeta na fotomontagem, em azulejos, na pintura, em máscaras e painéis para projetos de arquitetura. Entre outros, Athos colaborou com Oscar Niemeyer nos projetos da Igreja Nossa Senhora de Fátima, da Capela do Palácio do Alvorada e do Teatro Nacional. Ele chegou a Brasília em 15 de agosto de 1968, atendendo a convite de Oscar Niemeyer: "Eu fazia decoração de interiores. Não era algo que me gratificava. Desde o início, gostei muito de Brasília. Me senti meio hipnotizado pela paisagem. É uma cidade boa para quem quer tempo livre para trabalhar e não gosta de badalação. Eu considero absolutamente tolo este argumento de que existe corrupção porque a capital está instalada aqui. Pelo contrário: aqui fica mais fácil elucidar a corrupção. O meu Rio de Janeiro é uma cidade encantadora, mas com problemas horríveis de violência, comuns na situação econômica brasileira".

Brasília ainda se ressentida dos 20 anos de censura, emburrecimento, obscurantismo provocados pelo regime militar. Mas Athos acredita que a cultura é sempre a fênix que renasce das cinzas: "Vejo cultura como aquela anedota do americano que viu um campo de golfe e queria fazer outro igual. O dono do campo disse: é fácil, leva uma amostra da grama. Com 400 anos você terá um campo de golfe. Mas a situação melhorou muito nos últimos anos. Temos vários artistas jovens muito bons na cidade".

O pintor e gravurista Glênio Bianchetti, 64 anos, chegou a Brasília em 1962, para participar do processo de criação do Instituto Central de Artes da UnB. Na década de 50, ele foi um dos fundadores do Clube de Gravura de Porto Alegre, que reuniu, entre outros nomes, Glauco Rodrigues, Carlos Scliar e Vasco Prado: Glênio já expôs o seu trabalho em mostras coletivas na França, EUA, Itália, Alemanha, Inglaterra, entre outros: "Brasília é uma cidade que facilita a o contato com outros centros. É lógico que a cidade

de tem defeitos. Mas ela permanece uma das melhores cidades do Brasil para morar e para trabalhar".

O artista plástico Rubem Valentim, (1922-1991) é um dos que resistiram ao obscurantismo em Brasília, com sua recriação dos signos da cultura afro, através de serigrafias, pinturas, relevos e esculturas. Ele acreditava na utopia de Brasília como centro de experimentação das artes. Entretanto, a cidade suscitou o surgimento de uma nova geração de artista. Evandro Sales, 39 anos, pintor e desenhista, teve o seu trabalho reconhecido no 1º Prêmio Brasília de Artes Plásticas - 1990 (Prêmio Aquisição), na 4ª Mostra do Desenho Brasileiro de Curitiba-1981 (Prêmio Aquisição). Participou do 23º Prêmio Internacional de Desenho da Fundação Juan Miró, em Barcelona: Ele chegou a Brasília em 1963, acompanhando o pai, o crítico Fritz Teixeira Salles, um dos professores fundadores da UnB: "Desde o primeiro momento em que cheguei aqui eu senti o impacto da arquitetura de Brasília. Isto é algo marcante no meu trabalho.

O espaço é uma matéria de visualidade". Evandro entende que falta isenção na campanha de depreciação da imagem de Brasília: "Esta campanha é desonesta, pois ignora um universo que nada tem a ver com os deputados e o Congresso. A população de Brasília pressionou o Congresso em todos os momentos importantes da história recente do país".

Francisco Galeno, 36 anos, é um outro nome de destaque das artes plásticas em Brasília. Ele ganhou um Prêmio Aquisição no 9º Salão Nacional de Artes Plásticas — 1986 e no Salão de Artes Plásticas de Brasília — 1987. No momento Galeno se prepara para realizar a quarta exposição individual na Galeria Anna Niemeyer, no Rio de Janeiro. "Eu sempre me pergunto se eu seria um artista se não estivesse em Brasília" — comenta Galeno.

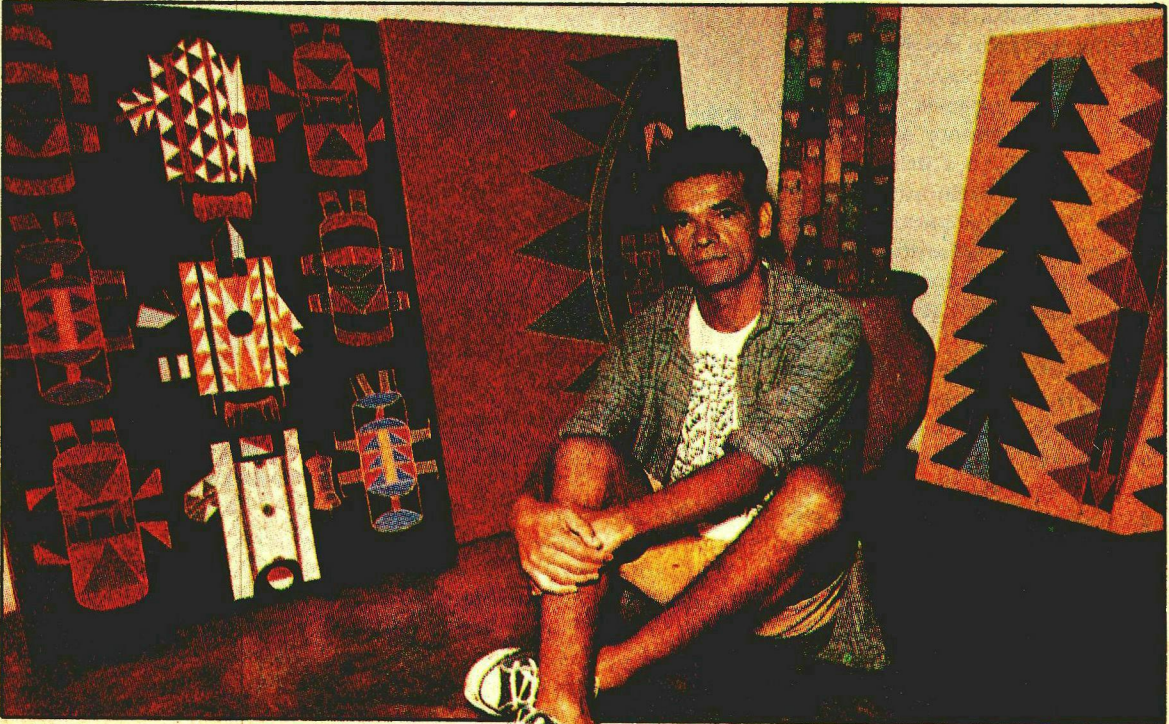
Nelson Maravalhas integra também uma segunda geração de artistas plásticos de Brasília. Ele ganhou prêmios na Mostra Nacional de Desenho de Curitiba e no Salão de Artes Plásticas de Brasília. Realizou, recentemente, uma mostra no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Ele especula que o clima surreal de suas pinturas pode ter recebido o estímulo do espaço de Brasília: "Ao invés de me lançar para fora, a espacialidade de Brasília me levou a explorar o espaço interior". Maravalhas argumenta que a cidade apenas abriga os representantes do povo: "O povo é o político. O povo devia dizer: eu sou, nós somos corruptos". O pintor Eduardo Cabral integrou a mostra *Brasil: Imagens dos anos 80 e 90*, no Museu of America, Washington, juntamente com mais 21 artistas brasileiros. A dupla de irmãos, Adriano e Fernando Guimarães, participou da última Bienal Internacional de Arte de São Paulo, com a instalação cenográfica *Macbeth Mauser*: "Brasília é quase uma instalação" — observam eles. E desviaram alguma verba? "Nós desviávamos verba do próprio bolso para bancar nosso trabalho".



Nelson Maravalhas, que há pouco expôs em SP, diz que o clima surreal de seu trabalho tem a ver com o espaço da cidade



Athos Bulcão: "Desde o início, gostei muito de Brasília. Me senti hipnotizado pela paisagem"



Galeno se prepara para realizar mostra individual numa galeria carioca